

“Quero encontrar leitores reais, descobrir suas respostas aos livros e suas práticas de leitura”

A história dos impressos por Martyn Lyons

Nathanael Araujo*

<https://orcid.org/0000-0002-4528-6335>

Ana Paula da Costa**

<https://orcid.org/0000-0001-8677-9972>

Martyn Lyons é professor emérito de história e estudos europeus na Universidade de New South Wales, Austrália. Especialista nos séculos XIX e XX, seus principais interesses de pesquisa são a história do livro, da leitura e da escrita, a história francesa e a história australiana, tendo publicado cerca de dezesseis livros contendo resultados de seus trabalhos. Concedeu-nos esta entrevista na ocasião do III Colóquio Argentino de Estudios sobre el Libro y la Edición (Caele), ocorrido na cidade de Buenos Aires, Argentina, de 7 a 9 de novembro de 2018. Como convidado de honra, apresentou a palestra magna de abertura do evento, intitulada “El siglo de la máquina de escribir. Cómo la máquina de escribir influyó en las prácticas de escritura”.

Nathanael Araújo: *Martyn, você nasceu na Inglaterra e se formou lá, não foi?*

Martyn Lyons: Nasci em Londres e fiz meu doutorado na Universidade de Oxford. Concluí com sucesso o meu doutoramento em 1972. Demorou três anos e três meses, mas não teve nada a ver com a história do livro. Meu primeiro interesse foi pela história da Revolução Francesa, e sempre fui um especialista em História francesa. Comecei por aí, e pelo interesse pela era napoleônica na Europa. Mas depois me

* Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, Brasil.

** Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.

interessei pela história do livro, em primeiro lugar na França, durante os séculos XIX e XX, e depois também em outros países. Meu interesse reside na história das práticas de leitura e escrita, especialmente aquelas de pessoas comuns de origens sociais modestas e, frequentemente, pouca competência literária. Minha pesquisa sobre leitura concentra-se em fontes autobiográficas, orais e escritas – quero encontrar leitores reais, descobrir suas respostas aos livros e suas práticas de leitura. Essa é uma abordagem muito humana da história e acho que isso é uma característica do meu trabalho. Em 1977, emigrei para a Austrália para encontrar uma posição segura na Universidade de New South Wales, em Sydney, e desde então tenho trabalhado lá.

NA: *O seu trabalho inicialmente seguiu os caminhos abertos por pesquisadores como Roger Chartier? O que você considera um diferencial diante do trabalho de outros pesquisadores da história dos livros?*

ML: Apreendi muito com Roger Chartier e também com Jean-Yves Mollier, especialistas em história de livros dos séculos XIX e XX na França. Minha abordagem não é tão cerebral quanto a primeira nem tão focada na história das editoras quanto a última. Ao contrário dos teóricos da recepção, estou menos interessado em leitores latentes no texto e mais em leitores reais que deixam vestígios de suas experiências de leitura em autobiografias orais ou escritas. O uso dessas fontes tem sido fundamental para o meu trabalho em práticas de leitura tanto europeias quanto australianas. A evidência autobiográfica escrita da experiência de leitura foi a base, por exemplo, das minhas contribuições para *History of the book in Austrália* (2001). Em *Australian readers remember* (1992), mostrei o valor do testemunho oral para a história das práticas de leitura. Tenho uma dívida enorme com os insights teóricos de [Pierre] Bourdieu, [Stanley] Fish, [Michel] De Certeau e Chartier, mas minha principal preocupação é menos abstrata: meu alvo é o indivíduo, o leitor real e suas percepções e experiências. Mais recentemente, no mesmo espírito, tenho me voltado para o escritor individual. Eu acho que é importante mostrar que a *l'histoire du livre* se cruza com questões históricas de amplo significado social ou cultural. Na Europa do século XIX, tornei indispensável para nossa avaliação do chamado “Movimento Romântico” e para nossa interpretação dos conflitos políticos e intelectuais da sociedade pós-revolucionária o papel dos escritores individuais. Meus estudos de escritos dos comuns contribuem para a história da Primeira Guerra Mundial e da experiência de emigração. Acho que meu trabalho demonstra o vigor contínuo da história da leitura e da escrita e sua capacidade comprovada de esclarecer questões históricas significativas.

NA: *E os caminhos metodológicos para isso?*

ML: Acho que existem três métodos principais para obter acesso à maneira como os leitores historicamente responderam ao que leram. Em primeiro lugar, uma fonte possível é o objeto material em si – o livro e todas as características, textuais e paratextuais, que fornecem o “con-texto”. A capa, as ilustrações, a relação entre o texto e a imagem, a fonte, o layout, o formato e o preço visam um determinado leitor e solicitam uma certa interpretação. Por exemplo, os romances de Júlio Verne foram às vezes produzidos como lições de geografia e às vezes como romances de aventura. Os aspectos físicos dos próprios livros nos dão pistas sobre isso. Em segundo lugar, uso o que chamo de fontes “normativas”, isto é, as instruções sobre o que ler e como ler, que são propagadas por elites, instituições e movimentos que desejam dirigir e estruturar a leitura das pessoas – igrejas, escolas, sindicatos, feministas e assim por diante, todos têm sua própria agenda e promovem suas próprias listas de leitura e interpretações. Eles exerceram pressão, enquanto governos e igrejas impuseram a censura para reforçar o que eles acham que as pessoas deveriam ler. Em terceiro lugar, eu uso fontes autobiográficas, e estas são para mim as mais importantes, porque permitem ao historiador ouvir a voz dos leitores de carne e osso no passado. Assim, minha pesquisa sobre leitura concentra-se em fontes autobiográficas, orais e escritas – quero encontrar leitores reais, descobrir suas respostas aos livros e suas práticas de leitura.

NA: *Explique melhor as diferenças que você percebe entre as abordagens da antropologia e da história? O que uma tem a ganhar com a outra?*

ML: Os antropólogos têm se interessado muito pela História da escrita, e o trabalho de, por exemplo, Jack Goody e Walter Ong tem sido muito influente aqui. Eles argumentam que a escrita permite a criação de organizações sociais e políticas mais sofisticadas. A escrita permitiu que os governos decidissem à distância, aplicassem formas de lei impessoais e mantivessem registros sistemáticos de decisões anteriores. Mas Goody e Ong não estão apenas falando sobre como a escrita fortaleceu o Estado – eles argumentam que isso muda a maneira como *pensamos*. A escrita impõe sua própria “lógica”, estimula o pensamento linear e o raciocínio. Ela muda os processos de pensamento humano e permite que os indivíduos comecem a pensar criticamente sobre antigas tradições coletivas. Ajudou a ciência a superar o mito e a razão superou o costume. Há limites para o que nós, como historiadores, podemos extrair dessas teorias antropológicas. Eles provavelmente enfatizaram demais o significado do alfabeto grego, atraindo acusações de eurocentrismo no processo. Sociedades não-alfabéticas,

algumas vezes, demonstraram considerável conhecimento científico – a China antiga, por exemplo. Outro problema é a tendência de antropólogos como Ong de pensar em letramento e oralidade em termos de uma dicotomia, na qual a alfabetização substitui as culturas orais e representa o progresso de um estado primitivo de desenvolvimento. Os historiadores sabem que uma polarização tão clara é irrealista. Os oralizados e os alfabetizados não se sentam em extremidades separadas de um espectro – eles estão profundamente envolvidos uns com os outros. Existem muitos tipos de intercâmbio entre o oral e o alfabetizado, e em muitas sociedades, tanto antigas como modernas, em diferentes níveis sociais e culturais, os oralizados e os alfabetizados coabitam e interagem mutuamente. Nós não pensamos em termos tão rígidos de alfabetização expulsando a cultura oral.

NA: *E sobre suas contribuições para o campo de estudo da história da escrita?*

ML: A história da escrita é ligeiramente diferente, e a escrita é algo sobre o que os antropólogos ofereceram várias teorias. Mas estas nem sempre coincidem com as visões mais empíricas dos historiadores. Como historiador das práticas de escrita, percebo que os camponeses comuns nos séculos XIX e XX, que os historiadores frequentemente consideraram analfabetos, na verdade escreveram quando foram separados de suas famílias por guerra, emigração, prisão e assim por diante. No final do século XIX, houve uma grande explosão de escrita popular, que nos dá uma visão das experiências dos soldados camponeses na Primeira Guerra Mundial e dos emigrantes na era da migração em massa da Europa para as Américas. Essa abordagem privilegia a subjetividade do escritor. Penso nisso como um meio de construir uma “nova história a partir de baixo”. Ao mesmo tempo, quero considerar a materialidade da escrita e as maneiras pelas quais os materiais, instrumentos e suporte (bambu, seda, pergaminho, papel) influenciaram as práticas de escrita. Essa ideia estava por trás da minha palestra em Buenos Aires sobre a influência da máquina de escrever.

NA: *Quando começou a ideia de escrever sobre a máquina de escrever e pesquisar sobre a materialidade da escrita?*

ML: A ideia desse projeto originou-se em um museu. Em uma visita ao Museu Powerhouse, em Sydney, que é basicamente um museu de tecnologia, tive um choque desagradável. Vi um item muito familiar exibido em um armário de vidro com um rótulo explicativo para o benefício dos não iniciados. Era uma máquina de escrever – uma Olivetti portátil vermelho vivo dos anos 1960 – e era familiar

porque escrevi minha própria tese de doutorado com o mesmo modelo. Fui confrontado com a inquietante realidade de que um objeto que outrora desempenhou um papel importante em minha vida havia se tornado uma exposição de museu, um curioso sobrevivente de uma espécie agora extinta. Foi só mais tarde que percebi que o verdadeiro dinossauro era eu mesmo. A visão da Olivetti por trás do vidro era como uma visão de mim mesmo como artefato histórico. Minhas próprias práticas de escrita certamente evoluíram, mas lentamente. Eu felizmente uso um MacBook, mas eu ainda uso uma caneta-tinteiro para algumas finalidades, como cheques escritos, que hoje são outra espécie em extinção. Quando eu costumava fazer isso em lojas de departamento, isso fazia com que os assistentes das lojas ficassem surpresos. Para citar Paul Auster (2002) com sua máquina de escrever Olympia, “comecei a parecer um inimigo do progresso, o último refúgio pagão em um mundo de convertidos digitais”. Mas o ponto real desses comentários é que instrumentos de escrita como canetas e máquinas de escrever são tecnologias cotidianas que têm uma história própria, e que a história só pode ganhar vida se for contada pelos olhos de seus usuários. Tal história de materiais de escrita precisa ser contada se quisermos ter uma apreciação mais completa das práticas de escrita nas sociedades do passado. Um encontro casual com uma Olivetti no Powerhouse Museum me deu uma nova agenda para a história cultural da escrita. Autor e máquina de escrever tinham um relacionamento sutil entre si, a máquina de escrever era muito mais do que apenas uma companheira fiel. Ela contribuiu ativamente para moldar a obra literária. A máquina de escrever forçou o escritor a ser preciso. Quando o escritor confrontou o teclado, ele pôde cristalizar seus pensamentos de uma maneira que o processador de palavras, com sua infinita capacidade de revisão rápida, jamais conseguiria. Sem o luxo da tecla delete, a máquina de escrever incentivava o autor a ser disciplinado e até mesquinho com as palavras, porque a revisão só era possível se o texto fosse completamente reformulado. A máquina de escrever, portanto, colaborou com o escritor no processo criativo. A história da máquina de escrever nos força a considerar não apenas os poderes imaginativos do autor, mas também as bases materiais da criatividade. Autores não escrevem livros, escrevem textos, e o modo como esses textos se tornam objetos físicos e os meios pelos quais eles chegam de uma forma legível perante um público são elementos cruciais para criar significado. De maneira semelhante, os historiadores da cultura escrita enfatizam a importância de materiais e tecnologias de escrita. O apoio e o meio pelo qual a comunicação textual opera nos ajuda a entender sua função e seu significado. A presença material do texto, aliada aos instrumentos que o compõem, contribui para o seu impacto e recepção.

NA: *Você pode nos dizer quais são seus interesses de pesquisa em A palavra impressa e depois, em seguida, em Livros: uma história viva (2011), após 12 anos de distância entre eles?*

ML: O que aconteceu entre *A palavra impressa* e *Livros: uma história viva*? Bem, esses não eram os dois marcos mais importantes para mim. Primeiramente, recorri à história do livro no final da década de 1970 para estudar o funcionamento do comércio de livros francês no século XIX, o que levou ao meu livro *Le triomphe du livre* (1987). Mas no decorrer da conclusão desse projeto, percebi que estudar editores, best-sellers, bibliotecas e livrarias contava apenas uma parte da história. Eu queria saber mais sobre as respostas dos leitores, sobre o que acontece com os livros depois que eles são produzidos e vendidos. Fui enormemente auxiliado nesse caminho de investigação participando como convidado do seminário de Roger Chartier na École des Hautes Études em Paris, em 1984. Escrevi um livro sobre leitores australianos baseado em entrevistas com mais de 60 leitores idosos (*Australian readers remember*, 1992); e um livro sobre leitores franceses no século XIX (*Readers and society in 19th century France*, 2001). Esse estudo centrou-se no medo da leitura – a forma como a expansão do público leitor para incluir novos grupos sociais (trabalhadores, camponeses, mulheres) assustou as elites e provocou estratégias para controlar e direcionar a leitura popular para canais “seguros”. Mais recentemente, eu me perguntei: por que nós, como historiadores, separamos as histórias gêmeas de leitura e escrita? Houve algumas boas razões para isso no passado, mas agora estou interessado em juntar as duas coisas novamente, e voltei-me para a história das práticas de escrita. Percebi, como já contei anteriormente, que os camponeses comuns nos séculos XIX e XX, escreviam. Quando eles foram separados de suas famílias devido a guerras, emigração, prisão e assim por diante, isso se tornou expressivo. No final do século XIX, houve uma grande explosão de escrita popular, o que nos dá uma visão sobre as experiências de soldados camponeses na Primeira Guerra Mundial e emigrantes durante a era da migração em massa da Europa para as Américas. Esta abordagem privilegia a subjetividade do escritor, em memórias de guerra, cartas de emigrantes e outros gêneros de escrita popular. Penso neste tipo de história como um meio de construir uma “nova História a partir de baixo”, o que inspirou o meu livro sobre *The writing culture of ordinary people in Europe, c. 1860-1920* (2012). Essa tem sido minha trajetória – primeiro a história da publicação, depois a história dos leitores, depois a história dos escritores. Essa jornada pessoal é também um reflexo de para onde a disciplina da história do livro viajou nas últimas duas ou três décadas. Além de trabalhar na Grã-Bretanha e na Austrália, passei breves períodos como professor visitante na França, Suécia, Espanha e Brasil (na UFF em Niterói). Mas eu visitei o

Brasil pela primeira vez em 1999, quando participei de uma conferência no Congresso de Leitura (Cole), na Universidade Estadual de Campinas, em São Paulo, após a qual Cyana Leahy me convidou para ministrar uma pequena série de seminários para alunos de pós-graduação na Faculdade de Educação da UFF. Essa experiência me ensinou que no Brasil, diferentemente da Europa, a História da leitura e da escrita depende de um forte estímulo dos educadores. No Brasil, percebi que o estudo da leitura e da escrita era uma questão urgente, de importância imediata, que fazia parte de uma luta atual e ampla contra o analfabetismo, na qual os ensinamentos de Paulo Freire eram extremamente influentes. Gostei dos seminários e adorei a baía do Rio vista de Niterói! Cyana Leahy organizou e traduziu o livro *A palavra impressa: histórias da leitura no século XIX* (1999), pela Casa da Palavra, publicado em coautoria para coincidir com a minha visita – se não fosse pelos seus esforços, isso nunca teria acontecido. Lançamos em uma livraria na Gávea, lembro que o público foi bastante exigente e me manteve bem atento! Foi nessa época que entrei em contato com o trabalho de historiadores de livros, como Nelson Schapocknik, e renovei contatos com historiadores de livros brasileiros em 2013, quando dei uma palestra magna na conferência patrocinada pela Sociedade para a História da Autoria, Leitura e Publicação (Sharp) no Rio. Em 2013, também dei uma palestra em Belo Horizonte. Eliana Dutra, da UFMG, me convidou para dar algumas palestras em Belo Horizonte. Ela também me apresentou a arte de Cândido Portinari – houve uma exposição de sua obra em Belo Horizonte na época. Claro que eu conheci a maravilhosa cidade de Ouro Preto. Essa viagem a Belo Horizonte acabou sendo muito importante porque conheci minha colega Mariana Silveira, que agora se tornou uma grande colaboradora no jornal de história do livro da Sharp, *Lingua Franca*.

NA: *Encontramos vários dos seus livros traduzidos para o espanhol, mas poucos para o português...*

ML: Se eu apareci em espanhol, é principalmente por causa de meus amigos e colegas da Universidade de Alcalá e da editora Ampersand em Buenos Aires. A série deles Scripta Manent inclui vários títulos traduzidos dos principais historiadores franceses, ingleses, italianos e americanos do livro. O meu livro mais recente, *Un mundo de escritura* (2017), é o resultado de uma colaboração com a minha colega de Lisboa, Rita Marquilhas, que é uma historiadora sociolinguista, representando um ângulo de visão que também precisamos no estudo da cultura dos escribas – então, o mundo da língua portuguesa não foi esquecido! Tem havido muita pesquisa nos últimos anos sobre conexões e trocas transnacionais na história do livro. Houve uma fase, na década de 1980, quando queríamos produzir histórias nacionais do livro (e várias

histórias nacionais apareceram, na França, Estados Unidos, Grã-Bretanha, Canadá, Austrália e assim por diante). Mas depois fomos além para examinar intercâmbios que transcendem as fronteiras nacionais. A recepção da ficção francesa do século XIX pela imprensa brasileira, por exemplo, é um exemplo interessante. Márcia Abreu foi uma estudiosa que desenvolveu esse ângulo transnacional do ponto de vista brasileiro. Sempre houve um problema com essa abordagem – a “virada transnacional” historiográfica tinha ambições que excediam em muito as capacidades linguísticas dos historiadores para satisfazê-las. Os historiadores não conheciam idiomas suficientes, e nem os deles suficientemente para escrever histórias detalhadas de vários países ao mesmo tempo. Acho que, em parte, como resultado desses problemas se passou agora a prestar mais atenção à tradução e aos tradutores. É por isso que a Sharp decidiu produzir uma revista eletrônica, *Lingua Franca*, que publica artigos sobre história do livro de todo o mundo em tradução para o inglês. Há muitos trabalhos bons em vários idiomas que os historiadores da língua inglesa não conhecem e vice-versa. A Sharp, a propósito, é a principal sociedade científica internacional sobre a História dos livros e da leitura e todos vocês deveriam ser membros dela.

NA: *E neste começo de século XXI, você acredita que nossa área está crescendo ou ainda não atraiu a atenção de historiadores, sociólogos e antropólogos?*

ML: A história dos livros está em franca expansão. Eu acho que a contribuição de uma abordagem da história do livro, particularmente aos estudos literários, está agora bem estabelecida. Provavelmente as profecias da morte iminente do livro, ou pelo menos do códice tradicional, estimularam um enorme interesse na História do livro. Essas profecias se mostraram exageradas, e o livro tradicional está mantendo uma fatia substancial do mercado. (Veja o número impressionante de livrarias em Buenos Aires!). Mas as mudanças na natureza e no apoio material à leitura certamente nos alertaram para as realidades da longa evolução da comunicação textual. A Sharp, que mencionei anteriormente, tem mais de 1.000 membros, o que é um grande número para essa sociedade acadêmica. Estou atualmente envolvido em julgar o prêmio The Long Book Prize para livros na história do livro publicado em 2018 – há cerca de 90 participantes, e isso abrange apenas livros em inglês! Não há dúvida de que a história do livro e das práticas de leitura é agora parte da cena histórica e, certamente, é reconhecida por sociólogos, historiadores intelectuais e especialistas em literatura em particular. Temos certo número de periódicos de história do livro, outro indicador da força do campo – a história do livro, *Quaerendo*, mas infelizmente a revista espanhola *Cultura Escrita y Sociedad* foi à falência há alguns anos. Acho que provavelmente temos pesquisas internacionais suficientes para sustentar mais um periódico acadêmico.

Referências Bibliográficas

- AUSTER, Paul & MESSER, Sam. (2002), *The story of my typewriter*. Nova York, Distinguished Art Publishers.
- LYONS, M. (1987), *Le triomphe du livre: une histoire sociologique de la lecture dans la France du XIXe siècle*. Paris, Promodis.
- LYONS, M. (2001), *Readers and society in nineteenth-century France: workers, women, peasants*. Original, Palgrave, Houndsmills, UK.
- LYONS, M. (2016), “Escrever aos de cima: como os fracos escrevem aos poderosos”. In: SCHAPOCHNIK, Nelson & VENÂNCIO, Giselle Martins (orgs.). *Escrita, edição e leitura na América Latina*. Niterói, PPGHistória-UFF.
- LYONS, M. (2016), *La cultura escrita de la gente comun en Europa, c. 1860-1920*. Buenos Aires, Scripta Manent/Ampersand.
- LYONS, M. (2011), *Livro: uma historia viva*. São Paulo, Senac.
- LYONS, M. (2012), *The writing culture of ordinary people in Europe, c. 1860-1920*. Cambridge, Cambridge University Press.
- LYONS, M. & ARNOLD, John (eds.). (2001), *A history of the book in Australia, 1891-1945: a national culture in a colonised market*. St Lucia, Queensland University Press.
- LYONS, M. & LEAHY, C. (1999), *A palavra impressa: historias da leitura no século XIX*. Rio de Janeiro, Casa da Palavra.
- LYONS, M. & TAKSA, L. (1992), *Australian readers remember: an oral history of reading, 1890-1930*. Melbourne, Oxford University Press.
- LYONS, M. & MARQUILHAS, R. (eds.). (2017), *Un mundo de escrituras: aportes a la historia de la cultura escrita*. Buenos Aires, Ampersand.

Texto recebido em 30/5/2019 e aprovado em 27/8/2019.

DOI: 10.11606/0103-2070.ts.2019.158474

NATHANAEL ARAUJO é doutorando em antropologia social pelo Programa de Pós-graduação pela Universidade Estadual de Campinas. É bolsista Capes. E-mail: araujo.nathanael@gmail.com. ANA PAULA DA COSTA é mestranda em estudos da linguagem com ênfase em edição e artes pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. É bolsista Capes. E-mail: anpaco@gmail.com.

